

ANÁLISE DISCURSIVA DA IMAGEM: UM OLHAR FOUCAULTIANO PARA AS IMAGENS DA EDUCAÇÃO

Daniela Polla (DFE/UEM)
Juliana Hortelã Pedrone Valério (DLM-UEM)
Cássio Ceniz (PG-Letras-UEM)

Tema proposto

Neste minicurso, propomos uma possibilidade de leitura discursiva de imagens que materializam discursos referentes à Educação no aquário da realidade atual. Este tipo de análise se faz relevante na medida em que muitas das objetivações discursivas, contemporaneamente, materializam-se em imagens. Por isso, “trabalhar com Foucault” torna-se interessante, na medida em que os ferramentais teóricos e metodológicos de análise de discurso produzidos a partir da obra deste autor francês permitem um olhar discursivo de imagens, não somente de enunciados linguísticos, que pode ser usado pelos participantes para aplicar em aulas, discutir as questões de ensino, apreender uma forma de leitura mais abrangente, dentre outras aplicações.

Objetivos

O objetivo geral deste minicurso é oportunizar aos participantes da Semana de Pedagogia as bases teóricas e metodológicas para uma análise discursiva de imagens, com ênfase em uma leitura foucaultiana. Pretende-se, igualmente, por meio de leituras discursivas, analisar uma série de imagens que colocam a Educação em discurso na atualidade. E, com isso, possibilitar que os participantes coloquem em práticas os conhecimentos adquiridos por meio da realização de atividades de análise em grupo.

Referencial Teórico

Comporão as bases teóricas e metodológicas deste minicurso as obras de Coracini (2010), Fischer (2012), Foucault (2008, 2006), Veiga-Neto (2007) e Veyne (2009, 2011). Os referidos teóricos contribuirão para fundamentar as discussões na interface entre leitura discursiva, análise de discurso foucaultiana e a Educação/Ensino.

Inicialmente, importa considerar que sob a perspectiva discursiva de leitura, se múltiplos são os leitores, múltiplas são as leituras possíveis. Mas, não há uma única e unívoca

definição do que seja leitura. Segundo Coracini (2010), há várias definições de leitura, quais sejam: estruturalista, cognitivista, interacionista e discursiva.

Considerando a relação entre estas múltiplas concepções de leitura e o ensino, importa perceber que a concepção de leitura adotada pelo professor é determinante para as posições adotadas por ele e seus alunos. Assim sendo, em um perspectiva mais estruturalista as leituras possíveis são determinadas exclusivamente pela própria estrutura do texto, ou seja, os alunos não podem produzir/manifestar outros sentidos; na cognitivista, são determinantes os pacotes de sentido que o leitor possui e a materialidade do texto não é tão relevante; já na interacionista, tanto o texto quanto os conhecimentos do leitor se constituem como relevantes; por fim, na discursiva os sentidos são construídos com base nas relações entre a materialidade do texto, os sujeitos, o momento histórico e as condições de possibilidade que podem ser múltiplas, logo, permite que professores e alunos adotem variadas posições e variadas leituras.

Porém, para Coracini (2010), há uma concepção de leitura que parece suprir algumas defasagens encontradas nas demais perspectivas, a que entende a leitura como um processo discursivo. É aquela que mescla o referencial teórico-metodológico da análise de discurso com uma espécie de desconstrução da concepção de leitura, que passa a ser entendida como um processo que se dá por meio do discurso. Sendo assim determinantes para as possibilidades de leitura os sujeitos: autor e leitor, ambos determinados historicamente. Por isso,

se entendermos o discurso como o conjunto de enunciados possíveis numa dada formação discursiva, em que os sujeitos determinam as *condições de exercício da função enunciativa*, (Foucault, 1969), ao mesmo tempo em que são por ela determinados (...), então, compreenderemos que não pode ser o texto o receptáculo fiel do sentido, que este não pode ser controlado. (CORACINI, 2010, p. 16)

São, portanto, as regras, as práticas discursivas de cada momento histórico específico que tornam possíveis os sentidos, são essas mesmas regras que se diferenciam quando se trata de discurso filosófico, jurídico, religioso, científico, enfim, quando muda a formação discursiva, que tornam possíveis várias leituras. Assim, as diversas possibilidade de leitura referem-se não apenas a leitura de cada indivíduo particular, mas às várias posições de sujeito que cada um pode assumir para ser sujeito de um determinado enunciado. Conforme Coracini (2010)

O sentido de um texto, por ser produzido por um sujeito em constante mutação, não pode jamais ser o mesmo; aliás, como bem coloca Foucault (1971), tudo é comentário: o dizer é inevitavelmente habitado pelo já-dito e se abre sempre para uma pluralidade de sentidos, que, por não se produzirem

jamais nas mesmas circunstâncias, são, ao mesmo tempo, sempre e inevitavelmente novos. (CORACINI, 2010, p. 16)

Desta forma, na perspectiva de leitura como processo discursivo defendida por Coracini (2010), percebe-se que os sentidos possíveis passam, então, a ser determinados pelas posições sujeitos possíveis em um dado momento histórico e uma igualmente dada prática discursiva local. O que causa estranhamento é que esta perspectiva raramente é adotada e aplicada ao ensino. Segundo a autora, “para não dizer nunca (ao menos nas aulas analisadas), a concepção discursiva se vê contemplada: raramente são permitidas, em aula, outras leituras que não sejam a do professor, ou melhor, do livro didático.” (CORACINI, 2010, p. 19). Assim sendo, parece relevante analisar de que forma as leituras e os sentidos podem sempre ser outros quando se adota a perspectiva discursiva e perceber de que forma tal concepção pode constituir-se como produtiva para trabalhar os conteúdos em sala de aula.

Neste sentido, a respeito da análise discursiva com base em Michel Foucault, importa destacar que, nela, não se fica aquém do discurso e também não se vai além, trabalha-se no nível do próprio discurso. Por isso, de acordo com Veyne (1998)

A palavra *discurso* ocorre tão naturalmente para designar o que é dito quanto o termo *prática* para designar o que é praticado. Foucault não revela um discurso misterioso, diferente daquele que todos nós temos ouvido: unicamente, ele nos convida a observar, com exatidão, o que assim é dito. (VEYNE, 1998, p. 252)

Neste sentido, pensando com Foucault, trata-se sempre de ficar no nível do próprio discurso e observar atentamente o que é dito. Isto porque, Foucault afirma que “não se vai além para reencontrar as formas que ele dispôs e deixou atrás de si; fica-se, tenta-se ficar no nível do próprio discurso.” (FOUCAULT, 2008, p. 54)

Mas, esta é uma observação que “escava” as camadas do discurso, mostrando a forma pela qual o que se diz é dito e nenhuma outra no lugar dela. Mas, é um olhar que investiga as condições de possibilidade dos discursos, um olhar atento. Observação que prova que a zona do que é dito apresenta preconceitos, reticências, saliências e reentrâncias inesperadas de que os locutores não estão, de maneira nenhuma, consciente. (VEYNE, 1998, p. 252)

Sendo que, quando se fala em discurso com Foucault, importa “não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam.” (FOUCAULT, 2008, p. 55)

Metodologia

Importa ressaltar que a análise de discurso foucaultiana fornece as bases teóricas e, ao mesmo tempo, metodológicas para a análise discursiva de imagens. Para o minicurso Análise Discursiva da Imagem: um olhar foucaultiano para as imagens da educação, faremos uma abordagem das teorias sobre leitura, seguida por um panorama da análise de discurso baseada na obra de Michel Foucault, sempre ilustrando os conceitos com a análise de imagens que materializem discursos referentes à Educação. Por fim, com base nas discussões, serão formados grupos com os participantes e os ministrantes conduzirão atividades de análise, as quais serão compartilhadas com todos os participantes ao final do minicurso, fornecendo uma experiência prática para que os participantes tenham condição de, por exemplo, trabalhar com imagens algumas temáticas em sala de aula.

Considerações Finais

Diante do exposto, pode-se perceber a relevância de a perspectiva de leitura discursiva ser aplicada à Educação e ao ensino. Isto porque possibilita que os participantes questionem as evidências, que pensem nas formas que as práticas discursivas constroem os objetos, os conceitos, as questões da realidade. Além disso, esta perspectiva permite que os participantes mostrem suas posições sujeito por meio do espaço para colocarem a sua própria leitura, ao invés, de somente receberem sentidos prontos e fechados.

Estas considerações apontam, portanto, para a necessidade de utilizar e mobilizar efetivamente a perspectiva discursiva para mostrar que é preciso “sacudir as evidências” que o momento histórico, as relações de poder e as práticas discursivas determinam. Assim sendo, parece urgente a necessidade de que a perspectiva discursiva de leitura tenha espaço nos cursos de licenciatura, bem como, por exemplo, para que sejam formados professores que não sigam apenas o livro didático, mas que se sintam seguros para demonstrar suas próprias posições sujeito e aceitar as leituras possíveis nas posições sujeito de seus alunos ao invés de impor uma única leitura possível com foco único e exclusivo na materialidade dos enunciados linguísticos.

Referências

CORACINI, M. J. R. F. Leitura: decodificação, processo discursivo... In: CORACINI, M. J. R. F. (Org.) **O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira**. 2010. p. 13-20.

FISCHER, R. M. B. **Trabalhar com Foucault:** arqueologia de uma paixão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do Saber.** 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. 1984 – O Cuidado com a Verdade. In: _____. **Ética, sexualidade e política.** 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e Escritos; V)

VEIGA-NETO, A. **Foucault & a Educação.** 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

VEYNE, P. **Como se escreve a história:** Foucault revoluciona a história. Trad. de Alda Baltar e Maria A. Kneipp. 4 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

_____. **Foucault:** seu pensamento, sua pessoa. Trad. de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.